

3. Ciência e senso comum

Todos nós sabemos muitas coisas que nos ajudam em nosso dia-a-dia e que funcionam bem na prática. Nas zonas rurais, muitas pessoas, mesmo sem terem freqüentado a escola, sabem a época certa de plantar e de colher. Esse conjunto de crenças e opiniões, essencialmente de caráter prático, uma vez que procura resolver problemas cotidianos, forma o que se costuma chamar de conhecimento comum ou senso comum.

A relativa eficiência do senso comum deve-se ao fato de que ele também passou, como o conhecimento científico, por um processo de aprendizagem por ensaio e erro. Graças à linguagem, o conhecimento adquirido por um indivíduo pode ser transmitido a outros indivíduos e, inclusive, às gerações seguintes, que, por sua vez, podem modificá-lo e corrigi-lo através do processo de ensaio e erro. Portanto, pelo menos em certo grau, o conhecimento comum é também um conhecimento crítico. No entanto, seu nível crítico é inferior ao do conhecimento científico.

O senso comum limita-se, na maioria das vezes, a tentar resolver problemas de ordem prática. Por isso, enquanto determinado conhecimento funcionar bem, dentro das finalidades para as quais foi criado, ele continuará sendo utilizado sem muito questionamento. Já o conhecimento científico procura, sistematicamente, criticar uma hipótese, mesmo que ela resolva satisfatoriamente os problemas para os quais foi concebida. Isto quer dizer que em ciência procuramos aplicar uma hipótese para resolver novos problemas, ampliando seu campo de ação para além dos limites de objetivos práticos e problemas cotidianos. Assim, em vez de leis gerais ou universais, predominam no conhecimento comum generalizações empíricas de baixo nível de universalidade. Como diz o filósofo Ernest Nagel, criadores de animais conhecem muitas técnicas para selecionar, por meio de cruzamentos, os animais com características mais vantajosas ao homem. Já o cientista, através do estudo da genética, procura alcançar muito mais do que isso: ele tenta explicar, lançando mão de leis gerais, os resultados de qualquer cruzamento, independentemente de eles serem úteis ou não ao homem (Nagel, 1982).

A ausência de testes rigorosos, como a experiência controlada, impede que sejam eliminadas conclusões falsas, mantidas apenas pela tradição. Assim, a melhora espontânea que alguns indivíduos apresentam em muitas doenças pode dar a impressão de que os produtos utilizados realmente surtiram algum efeito.

Além de não empregar testes controlados, o conhecimento comum fica restrito à descrição da aparência dos fenômenos, não examinando suas causas e seus efeitos mais profundos. Desse modo, ervas e produtos que apenas provocam o desaparecimento ou a melhora apenas dos sintomas de uma doença, podem ser considerados eficazes pelo senso comum. No entanto, a progressão da doença poderá causar, a longo prazo, sérios danos à saúde. O mesmo